

SIGNIFICADO DA UNIÃO MÍSTICA

1. A união mística, no sentido em que dela falamos agora, não é o fundamento judicial sobre cuja base nos tornamos partícipes das riquezas que há em Cristo. Às vezes se diz que os méritos de Cristo não nos poderão ser imputados enquanto não estivermos em Cristo, desde que somente com base em nossa unidade com Cristo é que tal imputação pode ser razoável. Mas este conceito deixa de distinguir entre a nossa unidade legal e a nossa unidade espiritual com Cristo, e é uma falsificação do elemento fundamental da doutrina da redenção, qual seja, a doutrina da justificação. A justificação é sempre uma declaração de Deus não com base numa condição existente, mas na de uma graciosa imputação – declaração que não está em harmonia com a existente condição do pecador. O fundamento judicial de toda a graça especial que recebemos jaz no fato de que a justiça de Cristo nos é imputada livremente.

2. Mas este estado de coisas, a saber, que o pecador nada tem em si mesmo e recebe tudo livremente de Cristo, deve refletir-se na consciência do pecador. E isso tem lugar pela mediação da união mística. Se bem que a união é efetuada quando o pecador é renovado pela operação do Espírito Santo, ele não terá conhecimento dela e não a cultivará enquanto não começar a operação pela fé. Então ele fica ciente de que não possui justiça própria, e de que a justiça pela qual ele é visto como justo diante de Deus lhe é imputada. Mas mesmo assim, requer-se algo adicional. O pecador deve sentir sua dependência de Cristo nas profundezas do seu ser – em sua vida subconsciente. Daí ele é incorporado a Cristo e, como resultado, percebe que toda a graça que ele recebe flui de Cristo. O constante sentimento de dependência assim gerado, é um antídoto contra toda justiça própria.

3. A união mística com Cristo também assegura para o crente o poder continuamente transformador da vida de Cristo, não somente na alma, como também no corpo. A alma se renova gradativamente, à imagem de Cristo, como Paulo o expressa em 2Co 3.18: “... Somos transformados, de glória em glória, na sua própria imagem, como pelo Senhor, o Espírito”. E o corpo é consagrado no presente, para ser um bom instrumento da alma renovada, e por fim será elevado à semelhança do corpo glorificado de Cristo, Fp 3.21. Estando em Cristo, os crentes compartilham todas as bênçãos que ele mereceu para o seu povo. Ele é para os seus um manancial perene a jorrar para a vida eterna.

4. Em virtude desta união, os crentes têm comunhão com Cristo. Exatamente como Cristo participou dos trabalhos, dos sofrimentos e das tentações do seu povo, agora o povo é levado a participar das suas experiências. Em certa medida, os seus sofrimentos se reproduzem e se completam na vida dos seus seguidores. Estes são

crucificados com ele, e também ressuscitam em novidade de vida. O triunfo final de Cristo se torna o triunfo deles. Ver Rm 6.5,8; 8.17; 2Co 1.7; Fp 3.10; 1Pe 4.13.

5. Finalmente, a união dos crentes com Cristo fornece a base para a unidade espiritual de todos os crentes, e, conseqüentemente, para a comunhão dos santos. Eles são animados pelo mesmo espírito, ficam cheios do mesmo amor, permanecem na mesma fé, empenham-se na mesma luta, e estão ligados pelo mesmo objetivo. Juntos estão interessados nas coisas de Cristo e sua Igreja, nas coisas de Deus e do seu reino. Ver Jo 17.20,21; At 2.42; Rm 12.15; Ef 4.2,3; Cl 3.16; 1Ts 4.18; 5.11; Hb 3.13; 10.24,25; Tg 5.16; 1Jo 1.3,7.

Teologia Sistemática, Louis Berkhof, Editora Cultura Cristã